

MOBILIDADE E O MODO DE SER GUARANI

MOBILITY AND THE GUARANI WAY OF BEING

Nanci Vieira de Oliveira¹ e Dirce Eleonora Nigro Solis²

Resumo

Nesse ensaio iremos discutir a questão da ancestralidade, da cosmovisão e da mobilidade indígena tomando como referência as sociedades Guarani. Profundamente ligada à terra, a ancestralidade Guarani possui uma rica visão de mundo que valoriza a relação de harmonia entre o ser humano e a natureza. As sociedades Guarani se apoiam essencialmente nas relações familiares e na solidariedade entre parentes. Nesse sentido, a mobilidade desempenha na organização social Guarani, e em especial do subgrupo Mbyá, o papel de manter uma extensa rede de trocas que, além das uniões matrimoniais, visitas a parentes, troca de informações, cânticos, cura, permuta de sementes, fortalece as relações sociais e de reciprocidade entre os membros familiares.

Palavras-chave: guarani; ancestralidade; mobilidade; modo de ser.

Abstract

In this essay, we will discuss the issue of ancestry, worldview, and Indigenous mobility, taking Guarani societies as a reference. Deeply connected to the land, Guarani ancestry possesses a rich worldview that values the harmonious relationship between humans and nature. Guarani societies are essentially based on family relationships and solidarity among relatives. In this sense, mobility plays a role in Guarani social organization, and especially in the Mbyá subgroup, maintaining an extensive network of exchanges that, in addition to marital unions, visits to relatives, information exchange, chanting, healing, and seed exchange, strengthens social relationships and reciprocity among family members.

Keywords: guarani; ancestry; mobility; way of being.

1 Professora Dra do Curso de Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ; realiza trabalho com a sociedade Guarani da Região de Angra dos Reis- RJ; possui diversos trabalhos publicados na área, dentre eles "Arqueologia e Etnicidade: imagens de identidade no Brasil". Espaço Plural (Unioeste), UNIOESTE - Paraná, v. 7, p. 15-16, 2001; "Pescadores – Coletores do Litoral Fluminense: novos olhares, velhos problemas." Revista Nordestina de História do Brasil, v. 2, p. 122-141, 2020 ; com SILVA, Luciano Pereira da . "Rituais Funerários da região do pantanal de Cáceres, Mato Grosso, Brasil". In: Luciane Munhoz de Omena; Pedro P. A. Funari (orgs.) in "As experiências sociais da morte: Diálogos interdisciplinares". 1ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, v.1, p. 211-236; com Dirce Eleonora Solis , "Das trilhas indígenas às rotas de fuga: um estudo transdisciplinar da Ilha Grande". Ensaios Filosóficos, v. 20, p. 161-176, 2019.

2 Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPGFIL-UERJ; é 2ª líder e pesquisadora do Projeto "Arquitetura, Derrida e Aproximações" do CNPQ; dentre as suas publicações ressalta-se em "Querências de Derrida, moradas da Arquitetura e filosofia" a organização juntamente com Marcelo Moraes de Políticas do Lugar. Porto Alegre, Propar-UFRGS, 2016 e nele o artigo de sua autoria "Espacialidades e Espectralidades Abissais" p.18-53; a organização dos livros Espectros Prisionais. Porto Alegre, Propar –UFRGS, 2019 com o artigo de sua autoria 'Pensamento e Espacialidade: os Espectros que nos rondam e nos obsidiam. v1-p52-79; e Espectros da Colonização da mesma coleção; em Desconstrução, resistências e desvios na arquitetura e filosofia , Rio de Janeiro, Mauad,- FAPERJ, 2022, a organização do volume Resistências e descolonialidades, com o artigo de sua autoria "Corsários e Abutres: espacialidades ban(d)idas" -p19-40; dentre outros.

Introdução

Inicialmente cabe esclarecer que o termo Guarani se refere a uma família linguística do tronco Tupi, cujos grupos apresentam aspectos socioculturais consistentes com um modo-de-ser que aparece tanto nas fontes históricas, quanto nas etnográficas (Monteiro, 1992:476). Nos primeiros séculos da colonização, grupos humanos que ocupavam o sul do Brasil e falavam língua aparentada ao Tupi do litoral foram denominados de forma genérica como Carijós, cujas diferenciações foram homogeneizadas pelos cronistas dos séculos XVI e XVII, agrupando todos por serem falantes da mesma língua (Susnik, 1982:25).

A partir dos primeiros contatos no período colonial, os Guarani viveram múltiplas experiências, ora embrenhados nas matas fugindo dos colonizadores, ora em contato mais intenso. Tais fatos causaram transformações e recriações do modo de ser Guarani. As etnografias que se referem aos Guarani identificam como subgrupos no Brasil os *Mbyá*, *Nhandéva/Xiripa* e *Kaiowa/Paĩ* (Schaden, 1974), cujos etnônimos são encontrados com grafias diversas. Assim, os três dialetos ou parcialidades que conhecemos hoje (*Nhandeva*, *Mbyá* e *Kaiová*) teriam se constituído a partir das experiências vividas no contexto colonial (Silva, 2007). Entretanto, conhecer este processo não é uma tarefa fácil, pois há um silêncio nas fontes documentais entre o período vivenciado nas missões jesuítas e o século XX quando Kurt Nimuendaju (1987 [1914]), encontrou em São Paulo grupos Guarani Nhandeva que migravam vindos das regiões da Argentina e Paraguai.

De acordo com Garlet (1997), é a partir do início do século XX que grupos Guarani desencadearam e intensificaram suas movimentações, procurando lugares com condições geográficas, ecológicas e estratégicas para a criação dos *tekoa* (aldeias) e a manutenção de seu sistema de vida. A noção de terra Guarani é como lugar da cultura, onde se pode viver como Guarani. Desta forma, o caminhar guarani não estaria apenas relacionado a uma busca pela *Terra sem Mal*, mas também a outros aspectos como a busca por uma terra boa para se viver (Melià 1989; Ladeira 2001), por conflitos de terras (Ladeira, 1992; Garlet, 1997; Montard, 2002), pelas memórias e profecias (H. Clastres, 1978; Mello, 2001), por um processo de atualizar e revisitar os mitos (Ciccarone, 2001).

Os lugares que conservam ainda os nomes Guarani são pontos importantes de referência histórica e mitológicas para estas populações (Litaiff, 2008). Para Brighenti (2004), a retomada do território tradicional Guarani, de acordo com os registros arqueológicos e históricos, está acontecendo de maneira sistemática e estratégica.

Bartomeu Melià (1981, 1990, 2004) ressalta as implicações econômico-ecológicas presentes nos deslocamentos de grupos Guarani, que caracterizariam o modo de ser (*teko*) Guarani. O autor ao estudar a circulação de pessoas entre as aldeias, propôs tratar de uma economia de reciprocidade, onde o conceito de espacialidade tornava-se o eixo do *teko* e o fenômeno dos deslocamentos como processo de motivação múltipla, como forma privilegiada de manutenção e reprodução social, que orienta tanto a vida social quanto a relação com o ambiente, que se realiza com a existência de um território onde se deslocar. Entre tais populações destacamos os Guarani *Mbyá* nas regiões sul e sudeste (Ladeira & Azanha, 1988; Ladeira, 1992, 2001; Litaiff, 1994, 1999; Garlet, 1997; Mello, 2001; Ciccarone, 2001; Assis, 2004 entre outros). Ladeira aprofundou o estudo do *teko*, o modo de ser Guarani.

Mbyá-Guarani : territorialidade e mobilidade

Os *Mbyá* são considerados como o grupo Guarani culturalmente mais resistente aos contatos interétnicos e os que têm dado maior ênfase aos movimentos migratórios em direção ao litoral (Ciccarone, 2010). Sua forma de territorialidade se caracteriza pela intensa mobilidade e trânsito entre as inúmeras aldeias dispersas ao longo de seu amplo território, construindo uma extensa e complexa rede de parentesco, reciprocidade, comunicação (Cadogan, [1952]1992).

Nas narrativas *Mbyá*, esta mobilidade não é somente um meio para a busca pela *Terra Sem Mal*; é acima de tudo uma forma de produção de saúde e vida, de acúmulo de conhecimento. A mobilidade se caracteriza pelo movimento entre as aldeias, reforçando relações sociais e de reciprocidade; casamentos, visitas a parentes, troca de informações, sementes, mudas de plantas, assembleias etc. Estar em movimento é viver. *Jeguata* é o termo utilizado tanto para o ato de andar como para a ideia de viagem, como também significa “deslocar-se” para além de um sentido meramente físico (Pradella, 2009). Neste aspecto, seus deslocamentos são interpretados como uma busca por um bom lugar onde se tenha alegria e satisfação, como estratégia de luta contra a doença ou a raiva (Pissolato, 2006:100). As migrações se processam como busca de locais que apresentem sinais da passagem de antepassados, lugares reencontrados e nomeados (Ladeira, 1992; Ciccarone, 2004).

As relações de parentesco, os intercâmbios de saberes e bens, os rituais, as articulações políticas e os vínculos solidários fazem com que os limites físicos das aldeias sejam superados através de movimentações territoriais. A mobilidade e a reciprocidade entre as aldeias configuram o exercício da produção e da reprodução da sociedade *Guarani*, em especial a *Mbyá* (Litaiff, 2004; Ciccarone, 2010).

Depoimentos colhidos entre os *Mbyá* indicam que ao serem expulsos das margens do Iguaçu, na divisa entre o Brasil e Argentina, teriam buscado áreas onde viviam seus parentes, ou seja, no oeste do Paraná, na província de Misiones (Argentina) e no litoral da região Sudeste em diferentes locais na Serra do Mar (Silva, 2007). A forma de ocupação Guarani era caracterizada pelas movimentações entre aldeias (*tekoa*) que constituíam unidades familiares e político sociais.

A particularidade está no fato deste grupo indígena estar pulverizado em inúmeros pontos de um espaço geográfico que abrange alguns estados brasileiros da região Sudeste e Sul, como também Paraguai, Argentina e Uruguai. De acordo com Garlet (1997), os *Mbyá-Guarani* possuem uma estratégia de circularem por este vasto espaço, de forma a se manterem em constante comunicação e a partir do início do século XX desencadearam e intensificaram suas movimentações, procurando lugares com condições geográficas, ecológicas e estratégicas para a criação dos *tekoa* e a manutenção de seu sistema de vida.

A noção de terra Guarani é como lugar da cultura, onde se pode viver de acordo com as tradições. Desta forma, o caminhar Guarani não estaria apenas relacionado a uma busca pela *Terra sem Mal*, mas também a outros aspectos: como a busca por uma terra boa para se viver (Melià, 1989; Ladeira 2001), por conflitos de terras (Ladeira 1992; Garlet, 1997; Montardo, 2002); pelas memórias e profecias (H. Clastres, 1978; Mello, 2001); por um processo de atualizar e revisitar os mitos (Ciccarone, 2001).

Os lugares que conservam ainda os nomes de origem Tupi-Guarani são pontos importantes de referência histórica e mitológicas para estas populações (Litaiff, 2008), que incluem os caminhos percorridos, os locais ocupados pelos antepassados, as áreas indicadas em sonhos, os locais temporariamente abandonados (Darella: 2004).

As migrações rumo ao litoral são realizadas por pequenos grupos familiares que empreendem a caminhada seguindo as orientações recebidas das divindades em sonho pelos líderes espirituais, em busca dos espaços que atendem aos requisitos ecológicos, estratégicos e simbólicos necessários para o bom viver. Os locais escolhidos possuem as marcas divinas e de ocupações dos antepassados que viveram nestes lugares, sendo incorporados na configuração de seu território através de uma prática de realocação e revezamento de grupos familiares (Garlet, 1987; Ciccarone, 2011). Os Guarani reconhecem os espaços ocupados pelos antepassados em tempos antigos através de sinais florísticos, como também pela toponímia, formações rochosas e ruínas (Litaiff e Darella, 2000).

A existência de normas, preceitos morais e ambientais, em termos de acesso e relações com os recursos naturais, permite que o *tekoa* permaneça como lugar ideal e real para se viver na terra (Ladeira, 2001:196).

Em síntese, na configuração espacial Guarani três referências são extremamente importantes: o *tekoa*, lugar onde existem as condições geográficas e ecológicas adequadas para se exercer o modo de ser Guarani; a base em uma família extensa como espaço político-social fundamentado na religião e na agricultura de subsistência e o *guará*, como espaço definido por sinais e limites naturais (Ladeira, 1997).

Mbyá-Guarani no Rio de Janeiro

O estabelecimento de famílias *Mbyá* no Estado do Rio de Janeiro resulta de movimentos de populações destas a partir dos estados do Sul do Brasil e de regiões de ocupação *Mbyá* na Argentina (Pissolato, 2006).

As primeiras notícias de grupos *Mbyá* instalados na região de Paraty e Angra dos Reis datam da década de 1950, quando um grupo, vindo de Rio Silveira, ocupação *Mbyá* no Estado de São Paulo, teria permanecido em Parati-Mirim por alguns anos, transferindo-se para o Espírito Santo, onde foi fundada a aldeia de Boa Esperança.

Algumas famílias retornam no final da década para o litoral fluminense, reocupando a área da Aldeia de Itatim/Itaxi, no município de Paraty (Chaves, 2006:15). Esta aldeia, aos poucos, foi recebendo famílias oriundas dos estados de São Paulo e do Sul do Brasil. Em meados da década de 1960, devido a fortes pressões dos posseiros locais, os Guarani se deslocaram para o alto da Serra da Bocaina, na região de Bracuí, formando a Aldeia de Itatinga, no município de Angra dos Reis, quando chegaram também famílias provenientes do oeste do Paraná.

Desde estas primeiras ocupações, o local às margens do rio Parati-Mirim, no município de Parati, bem como a mata de difícil acesso na região de Bracuí (Angra dos Reis) teriam se tornado uma referência para os *Mbyá* que chegassem ao Estado do Rio de Janeiro (Ladeira, 1992). Por volta de 1977, devido a problemas internos ocorre uma cisão na aldeia de Bracuí, quando a família do Cacique Alcides e mais duas famílias saíram e formaram a Aldeia de Araponga no município de Paraty (Ladeira, 1992; Gomes e Oliveira, 1998; Chaves, 2006).

A partir das transformações ocorridas nos anos 80 do século XX, sobretudo no litoral dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, os Guarani *Mbyá* no lugar das estratégias de invisibilidade, decidiram se tornar "visíveis" e passaram a reivindicar a regularização fundiária das terras ocupadas (Brighenti, 2004; Ciccarone, 2010). Para Brighenti, os anos 80 representam um marco de mudança na maneira pela qual os Guarani passaram a retomar seu território tradicional, definindo-se um corredor *Mbyá* que corresponde

a uma faixa litorânea ao longo dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

A invisibilidade era garantidora da vida e da relação com o mundo e por isso era suficiente, mas no decorrer dos tempos passou a servir como proteção da população e das aldeias contra os invasores colonizadores. A visibilidade era dada pela relação direta com a natureza nos povos originários e para eles essa relação era seu modo de viver e ser. Os indígenas são preservadores da natureza, e essa relação profunda para eles basta. No entanto, a invasão gradativa de seu território original por humanos estranhos ao seu modo de vida, aos seus costumes e que na maioria dos casos, conhecemos bem isso, foram os responsáveis por ações de extermínio dessa população ou pela expulsão de seu habitat originário, fez com que eles, por garantia de sua sobrevivência, tivessem que sair de sua invisibilidade e procurassem tornar-se visíveis para fazer com que fossem de alguma forma reconhecidos e na medida do possível, respeitados. Daí a movimentação para retomada dos territórios originais e a defesa de seus espaços.

A partir da década de 1980, a ocupação *Mbyá* das áreas acima citadas é incrementada com a vinda de um grupo numeroso do Paraná para Bracuí (Ladeira, 1992; Litaiff, 1996; Gomes e Oliveira, 1998) formando a aldeia denominada *Sapukai*. Neste período ocorre também a reocupação da aldeia em Parati-Mirim por um grupo *Mbyá* que vivia em Boa Esperança (ES), oriundo de Rio das Cobras (PR). Este é um período que os *Mbyá* alcançam maior visibilidade, tendo início os processos de identificação e delimitação das áreas das aldeias, sendo as mesmas homologadas em 1995 e 1996.

Após a consolidação destas aldeias *Mbyá*, uma nova cisão ocorreu em 2008, na aldeia de Parati Mirim. Até 2008 os moradores locais distinguem “duas aldeias”: a de “cima” (*Tekoa Itatim/Itaxi*) onde habitava o cacique Miguel e seus parentes, a de “baixo” (Comunidade *Para Poty*), ocupada por uma família cujo líder era um Juruá casado com uma parente do cacique Augustinho da Tekoa Araponga. Em poucos anos surgiram conflitos de liderança na aldeia (Ciccarone, 2004), que acabou resultando na saída do grupo familiar da comunidade de *Para Poty* em 2008, fundando uma aldeia (Tekoá Mboy Ty) em Camboinhas - Itaipu, em Niterói – RJ.

Podemos observar dois movimentos migratórios resultando na formação das aldeias em Maricá, ambos ocorridos em 2013. O prefeito de Maricá ofereceu uma área no município para o estabelecimento da aldeia de Camboinhas. A aldeia foi denominada *Tekoa Ka'aguy Hovy Porã*, estabelecendo-se na restinga de Maricá, no bairro São José do Imbassaí. De acordo com informações obtidas através de entrevistas, os Guarani *Mbyá* que migraram do Rio Grande do Sul buscando chegar na aldeia Boa Esperança (*Tekoa Porã*) em Aracruz/ES, migraram para Itaipuaçu em área do Parque Estadual Serra da Tiririca, recebendo a denominação de *Tekoa Ara Hovy*. Recentemente registramos a vinda de novas famílias *Mbyá* para o Rio de Janeiro, migrando da fronteira com a Argentina para as proximidades da aldeia *Ka'aguy Hovy Porã*.

Teko, o modo de ser Guarani

Há que se demarcar a importância da ancestralidade para grupos humanos como o Guarani. Ela marca a ligação com os antepassados, símbolo de sua herança tanto genética quanto cultural e que designa a linhagem familiar no que diz respeito ao modo como o grupo se configura hoje. Enaltecer os antepassados, a ligação com o passado, é honrar o que os mais antigos, os mais velhos possibilitam na conservação das tradições de um povo. A ancestralidade é fonte de sabedoria, de pertencimento identitário, de manutenção da saúde; é fonte de criatividade.

Podemos dizer que a ancestralidade indígena traz elementos fundamentais para a identidade do povo brasileiro. Isso está refletido em nossa cultura, em várias conotações e expressões linguísticas disseminadas por todo o território nacional, está presente no nome de cidades, na comida, nos elementos agrícolas, para apenas nos referirmos de modo geral. A ancestralidade está presente em modos de vida e na visão de mundo que se manifesta em mitos de criação, em rituais e práticas do dia a dia.

A ancestralidade Guarani é profundamente ligada à terra, e possui uma relação de harmonia entre o humano e a natureza. Em sua cosmovisão, a terra não é apenas um recurso natural, ela é Mãe (*Nhandecy*), entidade viva e consciente. Nos mitos de criação, divindades como *Nhamandú*, *Kuaray*, *Tupã* são exaltação da vida a partir da terra. O que liga o Guarani à terra e à ancestralidade é um ritual de nome *Nhemongarai*. Na relação com a natureza, as práticas valorizadas são a agricultura tradicional e a preservação das sementes.

Discussões com jovens da Aldeia *Sapukai* (Angra dos Reis) têm resultado em análises de suas próprias interpretações sobre aspectos do cotidiano, formas tradicionais de vida, do conhecimento da ancestralidade, identificação dos marcadores de identidade étnica e cultural, bem como no estabelecimento dos vínculos entre a comunidade e seu patrimônio.

A Aldeia *Sapukai* tem sua origem na antiga Aldeia de Itatinga, localizada no alto do Bico da Arraia, Sertão do Bracuí, Serra da Bocaina, município de Angra dos Reis. A Aldeia é cortada pelo rio Itatinga e faz divisa com São Paulo através do Rio Parado. Suas terras, 2.128ha, estão distribuídas em uma altitude que varia de 300 a 1300 metros, inseridas em área de Mata Atlântica.

É a maior das aldeias existentes no Rio de Janeiro, constituída por índios *Mbyá*-Guarani. A *tekoa Sapukai* possui dentro de sua área demarcada o que os *Mbyá* denominam *Yvy Yvate* – morros altos e íngremes, com vegetação típica de Floresta Ombrófila Densa Montana, *Ka'aguy Poru ey*, considerada sagrada, de grande valor curativo e terapêutico, com solos do tipo cambissolos e rochas, que devem ser preservadas.

Casas e Roças

As áreas de habitação e de roças estão localizadas nos setores do relevo denominados *Yvy'a*, encosta, onde os solos correspondem a argissolos vermelho-amarelos, com vegetação do tipo Floresta Ombrófila Densa Submontana. O espaço de ocupação mais intensa ocorre em setores com áreas planas, *Ivy Adjodja Porã* (lugar plano na encosta), onde se observa vegetação em regeneração correspondendo a matas baixas (*Ka'aguy porã*) e capoeiras, denominada *Ka'aguy Karapei*.

Suas casas estão dispersas e distantes umas das outras, não existindo um centro geográfico, mas sendo considerado como centro da aldeia o local onde são realizadas reuniões e eventos (*oka*), onde se encontra a Casa da Reza (*Opy*) e a casa do cacique/xamã.

Atualmente ao percorrer a estrada principal da aldeia, por onde se chega ao pátio público e a Casa da Reza, se observam algumas construções em alvenaria: a escola, a antiga oficina de papel (projeto financiamento do Museu do Índio/FUNAI) transformada hoje em salas de aula, o posto de saúde (FUNASA/FUNAI). No centro da aldeia há uma cozinha ao lado da Casa da Reza e edificação utilizada pelo atual cacique Algemiro Karai Miri da Silva para receber visitantes. Neste mesmo local foi construída uma casa para mulheres grávidas, mas que nunca foi utilizada para este fim pelos indígenas,

sendo ocupada pelo antigo cacique João Vera Mirim antes de morrer, hoje abandonada e em ruínas.

As casas (Oo) são construções de duas águas, feitas com troncos fincados no chão, a maioria revestida de barro (taipa de mão), cobertas com folhas de palmeira (*pindo*), que ainda podem ser observadas na aldeia. Entretanto, hoje, a maioria das casas possuem uma cobertura mais segura e duradoura como telhas de amianto; o argumento dos Guarani é que são melhores porque o que eles possuem dentro de casa dura mais tempo. Cabe ressaltar que com a implantação de rede elétrica, que além de atender à escola, ao posto e à padaria, atende a algumas das habitações, sendo que os salários provenientes de aposentadorias e remunerações, permitem que algumas famílias tenham em suas moradias fogões, geladeiras, televisores e outros eletrodomésticos.

Como eles ocupam uma área de encosta da serra do Mar, o solo pobre não é apropriado para um cultivo mais diversificado, principalmente de feijão que é um elemento importante na sua dieta. Em suas terras apenas conseguem plantar mandioca, milho, cana-de-açúcar e bananas. O arroz e o feijão que consomem são comprados com o dinheiro conseguido através da venda de artesanato ou consumido através da merenda da escola, hoje sob administração da Secretaria Estadual de Educação.

O primeiro aspecto observado é a visão holística do que se denomina teko, identificam como patrimônio *Mbyá* o espaço propriamente ocupado pelas casas e roça, as matas sagradas, cachoeira e rochas, atividades cotidianas, sabedoria dos mais velhos etc. Como salienta Ladeira (1989) o modo de ser Guarani orienta tanto a vida social quanto a relação com o ambiente, que se realiza com a existência de um território onde se deslocar.

Nas palavras dos próprios *Mbyá* da Aldeia *Sapukai*, o povo Guarani caminha (*Jaguata*) para encontrar a terra sagrada, em que estão os *Nhanderu mirim*, os seus ancestrais. Caminham pela busca de *Tekoa* (lugar onde se vive o modo de ser guarani *Mbyá*), onde tem cachoeira, terra boa para fazer plantação e materiais naturais para artesanato, onde possam manter a cultura (*mbyá guarani reko*). *Jaguata* alimenta as relações entre aldeias, é fazer parentes e fortalecer a saúde. O conhecimento Guarani sobre plantas medicinais é valorizado atualmente inclusive em projetos de recuperação ambiental e segurança alimentar. Segundo eles e pela tradição oral, temos que: O ser Guarani é aquele que tem e mantém a tradição, a língua, a crença, a visão e os costumes. Ser Guarani também é saber caçar, pescar, fazer armadilha, cantar, dançar música tradicional, frequentar a casa da reza, ter nome Guarani, plantar milho, mandioca, batata doce, etc.

O centro do *tekoa* consiste no local onde há um espaço público (*oka*) onde são realizadas as reuniões e comemorações, tendo em sua proximidade a Casa da Reza (*Opy*) e a habitação do cacique. A *opy* segue uma construção tradicional de taipa de mão com telhado de duas águas coberta por folhas de palmeira. Trata-se do ponto de convergência de todas as atividades sociais, onde ocorre o ritual noturno da *poraei* (rezas coletivas), o batismo do milho (*Nhemongarai*), a reza das sementes, etc, mantendo unida a comunidade e reforçando o modo de vida tradicional (Litaiff e Darella, 2000; Litaiff, 2004). Para os *Mbyá*, um dos espaços primordiais para adquirir o conhecimento é a Casa de Reza (*Opy*), onde se aprende a religião, as normas da natureza e de conduta social.

A Roça (*Kokue*) é o principal espaço de manejo agroflorestal guarani e o plantar significa saúde. Felipim (2001) encontrou nas aldeias da região Sudeste, muito dos cultivos e cultivares Guarani citados nos registros missionários do século XVII, alguns com as mesmas denominações e usos, denominados como sagrados. Entre estes,

destacamos o milho "primitivo" ainda cultivado pelos Guarani. Sabe-se apenas que este cultivo, acompanha os deslocamentos e que sua produção é destinada tanto para a realização de rituais religiosos, como também para a manutenção de um banco de sementes que garanta seu plantio.

Das cerimônias, o batismo do milho, quando são revelados os nomes das crianças Guarani, foi destacado em diversos estudos etnográficos (Schaden, 1974; Ladeira, 1992; 2001; Garlet, 1997; Chamorro, 1998), ritual que coincide com o auge da colheita de milho. Nas aldeias da região Sudeste, o batismo do milho (*Nhemongarai*) é realizado anualmente na Casa de Rezas (*Opy*). Este, só pode ser feito com sementes de milho que já foram batizadas anteriormente pelo líder religioso. Assim, as sementes do milho sagrado (*avaxí eteri*), antes de serem plantadas, colhidas e utilizadas, são batizadas na Casa de Rezas (*Opy*).

A organização social se articula através de uma distribuição espacial de famílias extensas, que estão interligadas por uma rede de parentesco. Os *Mbyá* são endogâmicos, ou seja, casam-se em sua maioria com indivíduos do mesmo grupo, da mesma aldeia ou com outras aldeias *Mbyá*. Ocorre predominância da matrilocalidade (o noivo reside com a família da esposa) sendo esta temporária, isto é, o genro habita a casa de seu sogro até o nascimento do primeiro filho e a estabilização do casal, quando, então, estará livre para decidir seu destino residencial. Cabe mencionar que pode ocorrer de forma excepcional patrilocalidade quando o pai do esposo possui um grande prestígio como liderança religiosa, política ou habitar um bom local.

Para os *Mbyá* a consubstancialidade, a identidade entre os que possuem a mesma substância corporal, ocorre pela proximidade física e pela partilha de alimentos. Pessoas que vivem próximas e comem a mesma comida seriam consubstanciais e parentes entre si. A proximidade física como andar ou permanecer na mesma aldeia por breves períodos, a solidariedade e a partilha dos mesmos alimentos (comensalidade), gerariam consubstancialidade, o que define o parentesco consanguíneo.

Os *Mbyá* são tradicionalmente agricultores, entretanto sua economia tem sofrido transformações nos últimos anos, em grande parte pela forma de relação com a sociedade envolvente. Para sobreviverem os *Mbyá* se viram obrigados a incorporar certos aspectos da cultura européia, mas preservando a sua religião, organização social, língua e mitologia. Entre as parcialidades Guaranis, os *Mbyá* constituem o grupo com "forte etnicidade" (Litaiff, 2002). Justificam o estabelecimento de suas aldeias nas regiões litorâneas porque assim deve ser - *aeve' veju* (Ladeira, 1992:77).

A dificuldade na agricultura devida ao solo pobre associada à proximidade de áreas turísticas transformou o artesanato em importante fonte econômica. Algumas das peças hoje vendidas pelos Guarani, no passado possuíam finalidade utilitária ou ritual, como é o caso dos cestos e do chocalho. A técnica de manufatura mais difundida entre os *Mbyá* é a dos trançados (Guimaraens, 2003; Nogueira, 2005). O arco e flecha se transformaram apenas em objetos a serem comercializados, assim como o chocalho (*mbaraca mirim*) que antigamente era usado somente nos rituais.

Compete aos homens buscarem a matéria-prima na mata e as mulheres a confecção dos cestos, embora alguns homens dominem a técnica do trançado. Geralmente o pau-de-chuva feito em embaúba é uma atividade masculina, assim como as pequenas esculturas de animais de Mata Atlântica em caxeta. As mulheres além dos cestos confeccionam adornos em miçangas e penas que são aproveitadas das galinhas e tingidas.

Para a confecção dos cestos os Guarani *Mbyá* utilizam fibras de dois tipos de taquara (bambu), a *tacupá* (*merostachys clusonii*) e o *taquarusu* (*cuadua trinni*). Também se encontram grafismos em cestos feitos de cipó *imbe*, que por ter uma tonalidade escura, contrasta com a taquara e era muito utilizado pelos antigos.

O grafismo nos cestos, de acordo com Nogueira (2005:81) “imita o movimento das cobras”, denominada pelos Mbyá de *yapará lxy* ou *yapará rysy*. O autor observou algumas variações que ocorrem nos padrões da jararaca (*Mboi para*), da caninana (*Nhakã nina*) e da urutu (*Mboi tuvi*), enquanto os padrões Coração (*Pya tytya*), Vida longa (*Teko Poku*) e Coral (*Mboi Pytã*) possuem apenas uma forma de representação. Esta iconografia *Mbyá*, de acordo com o autor, possui uma relação direta com o sagrado, com a natureza e, ao mesmo tempo, com as famílias extensas,

Tabus e Doenças

Para um Guarani *Mbyá* os momentos de transição mais significativos correspondem ao ato da concepção, o nascimento, iniciação na vida adulta feminina, a maternidade/paternidade e a morte (Pereira, 1995; Assis, 2006).

Na concepção dos *Mbyá* é o sêmen masculino o responsável pela construção do corpo da criança e a mulher por assentar em seu ventre a alma (ñe'e) enviada pelos deuses. Isto requer uma série de cuidados como a intensidade de relações sexuais por parte do homem e restrições alimentares para a mulher no período que precede o parto.

O nascimento de uma criança é o momento em que se destaca a *Kunhankara*, mulher mais velha que domina o conhecimento do parto. Momento que inspira cuidados por parte dos pais e parentes consubstanciais, em especial seus progenitores. O resguardo (*couvade*) possui períodos diferentes para o pai e para a mãe, envolve restrições alimentares e de esforços físicos, pois acreditam que na transgressão destes a criança é afetada.

O período da puberdade é considerado de grande fragilidade, principalmente para as meninas que ficam de resguardo em casa e aldeia, como obedecem a uma série de restrições alimentares.

As doenças (*rachy*) são consideradas pelos Guarani como um desequilíbrio nas relações do indivíduo com o mundo em que vive e com a espiritualidade. Ter saúde para um Guarani é estar em alegria e tranquilidade. Eles distinguem duas categorias de doenças: as decorrentes do contato com seres sobrenaturais que habitam os espaços terrenos e as “espirituais” que são consideradas inexplicáveis. Estas doenças também podem ser atribuídas a não observância dos preceitos divinos e infrações morais.

As doenças espirituais estão relacionadas a bruxarias e feitiços, à cólera e a maldade (influência dos mortos) e o diagnóstico e tratamento somente ocorrem através dos pajés na Casa de Reza (Cardoso, 2000; Assis, 2006). Há ainda a categoria “doenças de fora” que não podem ser tratadas pela medicina Guarani-*Mbyá*, mas apenas por remédios dos juruá.

Para os *Mbyá* a Casa de Reza (Opy'i) é um dos espaços primordiais para adquirir o conhecimento, onde se aprende a religião, as normas da natureza e de conduta social. É o local onde são realizados os funerais, batismos, reza dos doentes, casa de cura e reuniões.

No *Amba'i* (altar) ficam os objetos importantes para os rituais que são *Akan regua* (cocar) usado pelo pajé, *petyngué* (cachimbo), *Mbaraka* (chocalho) e os instrumentos musicais (Yakuá/violão, Takua'pu e Rave'i/rabeca ou violino). Os cachimbos são parte essencial da ritualística da Opy'i, já que eles permitem enxergar o lado espiritual. Cabe mencionar a importância do petyngué (cachimbo) no cotidiano, pois a fumaça do tabaco equilibra e afasta influências negativas.

Considerações finais

Os povos Guarani se movimentavam não somente em busca da Terra sem Mal (*Yvy marã ey*), mas por lugares onde se pode viver o modo de ser Guarani (*Tekoa*), onde possam manter a cultura.

Como horticultores de florestas são reconhecidos pelo grande conhecimento tradicional de flora e fauna. Sua agricultura não está simplesmente relacionada com a alimentação, mas entremeada com as práticas religiosas, sociais e políticas. Assim, existem vários elementos nos diferentes ecossistemas de Mata Atlântica que possuem importância simbólica para estas populações. Uma das práticas *Mbyá* é a de transportar e intercambiar sementes de espécies agrícolas e florestais.

Cabe ressaltar que as limitações e incertezas referentes aos espaços físicos para os Guarani atuais causaram significativa necessidade de reformulação dos padrões alimentares e de subsistência em geral. O conhecimento relativo aos recursos naturais e sua conservação continua a ser transmitido pelos mais velhos, mas, na prática, essa transmissão se encontra bastante reduzida.

A presença e/ou ações de representantes da Saúde nestas aldeias não interferem em uma lógica Guarani *Mbyá* de uma medicina tradicional, com rezas e curas realizadas pelos pajés.

O artesanato foi o caminho *Mbyá* para superar um solo pobre ou a falta de terras, porém representou um aumento no consumo de produtos industrializados. A utilização de roupas e objetos industrializados como tênis, relógios, brinquedos, bijuterias são valorizados pelos indígenas. O acesso a esses bens vem se tornando cada vez mais ampliado, através de recursos gerados por projetos, bem como com a conquista de salários pelos professores e agentes de saúde.

Referências

ASSIS, Valéria Soares. *Dádiva, Mercadoria e Pessoa. As trocas na constituição do mundo social Mbyá-Guarani*. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Antropologia Social, IFCH/UFRGS,. Porto Alegre, 326 p., 2006

ASSIS, Valéria S. e GARLET, Ivori J. Subsídios Históricos e Etnográficos para uma Etnoarqueologia Mbyá-Guarani. *Revista de História Regional* 7(1):207-213, 2002.

ASSIS, Valéria e GARLET, Ivori José. Análise sobre as populações guarani contemporâneas: demografia, espacialidade e questões. *Revista de Índias*, v. LXIV, n. 230, 35-54, 2004.

AZANHA, Gilberto e LADEIRA, M. Inês. *Os Índios da Serra do Mar – A Presença Mbya Guarani em São Paulo*, Centro de Trabalho Indigenista, Nova Stella, São Paulo, 1987.

BARÃO, Vanderlise Machado. “Mbyárekómeme é o Lugar que a Gente Vive a Nossa Cultura”: o “Lugar” como Cultura Material para os Guarani do Litoral Sul. *Biblos*, Rio Grande, 20: 195-210, 2006

BERTOLANI, Marlon Neves. *Representações Sociais da Saúde e Políticas de Saúde Voltadas a Populações Indígenas: uma análise da relação entre o sistema de saúde Guarani e a biomedicina*. Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 183 p., 2008.

BONAMIGO, Zélia Maria. *A economia dos Mbya-Guaranis: Trocas entre Homens e entre Deuses e Homens na Ilha da Cotinga em Paranaguá-PR*. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, 212 p., 2006.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. A territorialidade guarani e a ação do Estado – estudo comparado entre Brasil e Argentina. *Tellus*, ano 4, n. 6, p. 111-136, Campo Grande – MS, 2004.

CADOGAN, León. “Ayvu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá-Guaraní Del Guairá”. In *Boletim* nº277 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Antropologia nº 5, 1959.

CADOGAN, León. “Aporte a la etnografía de los guaraní del Amambai, Alto ypané”. In *Revista de Antropología*, Vol. 10, 1-2, jun/dez., 1962.

CADOGAN, León. “Chonó Kybwyrá: aporte al conocimiento de la mitología guarani” in *Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo*, Vol III, nº1- 2, 1968.

CAMPOS, Cristina R. e REIS, Marluci. 2011. Trajetória Histórica Guarani Mbyá: De Paraty Mirim a Niterói. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo*, 13 p.

CARDOSO, Andrey Moreira. *Prevalência de Doenças Crônico-Degenerativas na População Guarani-Mbyá do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado apresentada da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 133 p., 2000.

CARDOSO, Andrey Moreira. *Doença respiratória aguda em indígenas Guarani no Sul e Sudeste do Brasil*. Tese (doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 259 p., 2010.

CARDOSO, Andrey M.; MATTOS, Inês E. e KOIFMAN, Rosalina J. Prevalência de fatores de risco para doenças cardiovasculares na população Guarani-Mbyá do Estado do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública* vol.17 nº.2 Rio de Janeiro, 2001.

CHAMORRO, Graciela. *Kurusu Ñe'ëngatu. Palabras que la historia no podría olvidar*. Biblioteca Paraguaya de Antropología, Vol. 25. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos, 1995.

CHAMORRO, Graciela. *A Espiritualidade Guarani: Uma teologia ameríndia da palavra*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

CHAMORRO, Graciela. *Terra Madura, Yvy Araguayje : Fundamento da Palavra Guarani*. Dourados, MS : Editora da UFGD, 368 p., 2008.

CHAVES, Maria de Betania Garcia. *A política de Saúde Indígena no Município de Angra dos Reis: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado na área de Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 168 p., 2006.

CICCARONE, Celeste. *Drama e sensibilidade: migração, xamanismo e mulheres Mbya Guarani*. Tese (doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 352 p., 2001.

CICCARONE, Celeste. “Drama e sensibilidade: migração, xamanismo e mulheres Mbyá”. In: *Revista de Índias*, vol. LXIV, n. 230, 2004

CICCARONE, Celeste. Território, terra, território: reflexões sobre regularização fundiária e reconhecimento dos Guarani-Mbya. Texto da comunicação apresentada No Congresso LASA (Associação de Estudos Latino-Americanos) Toronto, Canadá, de 6 a 9 de outubro, 27 p., 2010.

CICCARONE, Celeste. Um povo que caminha: notas sobre movimentações territoriais guarani em tempos históricos e neocoloniais. *Dimensões*, vol. 26, p. 136-151, 2011.

CLASTRES, Helen. *Terra sem mal*. SP: Brasiliense, 1978.

CLASTRES, Pierre. *Le grand parler: mythes et chants sacrés des indiens Guarani*. Paris: Seuil, 1974.

DARELLA, Dorothea Post. Territorialidade e territorialização Guarani no litoral de Santa Catarina. *Tellus*, ano 4, n. 6, Campo Grande –MS, p. 79-110, 2004.

FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: Carneiro da Cunha, M. (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 94 p., 2000.

FELIPIM, Adriana P. *O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso na aldeia guarani da ilha do Cardoso, Município de Cananéia, SP*. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais). Piracicaba-SP, 135 p., 2001.

GARLET, Ivori J. *Mobilidade Mbyá: história e significação*. Porto Alegre,. (Dissertação de Mestrado). PUC-RS, 229 p., 1997.

GARLET, Ivori J. e ASSIS, Valéria S. 2002. A imagem do Kechuíta no Universo Mitológico dos Mbyá-Guarani. *Revista de História Regional* 7(2):99-114, 2002.

GARLET, Ivori J. e ASSIS, Valéria S. Desterritorialização e Reterritorialização: A compreensão do território e da mobilidade Mbyá- Guarani através das fontes históricas. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 11, n. 19, p. 15-46, 2009.

GOMES, Mércio Pereira e OLIVEIRA, Nanci Vieira. Os Guarani do Litoral Sul Fluminense diante da Usina Nuclear de Angra dos Reis. *EIA-RIMA da Usina Nuclear Angra 2. Estudo Complementar – A Questão Indígena*, 13 p., 1998.

GONÇALVES, Marcelo de Abreu. *Ethos e Movimento: Um estudo sobre mobilidade e organização social Mbyá Guarani no litoral Sul do Brasil*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, 139 p., 2011.

GOOBI, Flavio Schardong. *Entre Parentes: Traços na Sociocosmologia Guarani no Sul*. Dissertação de Mestrado, Pós Graduação em Antropologia Social, UFRS, 124 p., 2008.

GUIMARAENS, Dinah. *Museu de Arte e Origens – mapa das culturas vivas guaranis*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

GUIMARÃES, Silvia Maria Ferreira. *Os Guarani-Mbyá e a Superação da Condição Humana*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília, 2001.

GUIMARÃES, Silvia Maria Ferreira. Panorama Guarani (Mbyá, Nhãdeva, Kayová, Chiriguano). *Habitus*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 107-124, 2005.

LADEIRA, Maria Inês. *Mbya Tekoa. O Nosso Lugar*. São Paulo em Perspectiva, 3(4): 56-61, 1989.

LADEIRA, Maria Inês. *YYPAU ou YVA PAU “Espaço Mbya entre as águas ou o caminho aos céus”. Os índios Guarani e as Ilhas do Paraná*. Centro de Trabalho Indigenista, 68 p. 1990.

LADEIRA, Maria Inês. *O caminhar sob a luz: o território Mbya à beira do oceano*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992.

LADEIRA, Maria Inês. *As Demarcações Guarani, a Caminho da Terra Sem Mal. Povos indígenas no Brasil 1996/2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

LADEIRA, Maria Inês. *Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso*. São Paulo, Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 236 p., 2001.

LADEIRA, Maria Inês. *Terras Indígenas e Unidades de Conservação na Mata Atlântica – Áreas Protegidas?* São Paulo, Centro de Trabalho Indigenista (CTI), 25 p., 2003.

LADEIRA, Maria Inês. *Espaço Geográfico Guarani-MBYA - Significado, Constituição e Uso*. São Paulo:Edusp, 2006.

LADEIRA, Maria Inês. *O caminhar sob a luz. O território mbya à beira do oceano*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

LADEIRA, Maria Inês; MATTA, Priscila. *Terras Guarani no litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós . Ka’agüy oreramói kuéry ojou rive vaekue ý*. São Paulo: CTI, 122 p., 2004.

LADEIRA, Maria Inês e FELIPIM, Adriana (org.). *Teko Mbaraeterã. Fortalecendo nosso verdadeiro modo de ser*. São Paulo, Centro de Trabalho Indigenista (CTI), 106 p., 2005.

LITAIFF, Aldo; DARELLA, Maria Dorothea Post. Os índios Guarani Mbyá e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 22, Brasília. Anais ABA, 2000.

LOPES, Andreia Aparecida Ferreira. *Corpo e Saúde entre os Guarani*. Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia, IFCH, UNICAMP, 230 p., 2001.

LÓPEZ, Gloria Margarita Alcaraz. *A Fecundidade entre os Guarani: Um Legado de Kunhankarai*. Tese de Doutorado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 220 p., 2000.

MELIÀ, Bartomeu. “A experiência religiosa Guarani”. In M.M. MARZAL (org.), *O rosto índio de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1989.

MELIÀ, Bartomeu. “A terra sem mal dos Guarani”. In *Revista de Antropologia*, Vol. 33, 1990.

MELIÀ, Bartomeu. El pueblo guaraní: unidad y fragmentos. . *Tellus*, ano 4, n. 6, p. 151-162, Campo Grande - MS, 2004.

MELIÀ, Bartomeu., GRÜNBERG, Frydel. & Georg. “Los Paĩ-Tavyterã: Etnografia guarani del Paraguai contemporaneo. *Suplemento Antropológico de La Revista del Ateneo Paraguayo*, 9 (1-2), 1976.

MELLO, Flavia Cristina. *Aata Tape Rupy – seguindo pela estrada*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social/UFSC: Florianópolis, 137 p., 2001.

MELLO, Flavia Cristina. “*Aetchá Nhanderukuery Karai Retarã*”: *Entre deuses e animais: Xamanismo, Parentesco e Transformação entre os Chiripá e Mbyá Guarani*. Tese de Doutorado. Florianópolis, PPGAS/UFSC, 300 p., 2006.

MELLO, Flavia Cristina de. Mbyá e Chiripá: Identidades étnicas, etnônimos e autodenominações entre os Guarani do sul do Brasil. *Tellus*, ano 7, n. 12, Campo Grande – MS, p. 49-65, 2007.

MENDES JÚNIOR, Rafael Fernandes. *Os Animais São Muito Mais Que Algo Somente Bom Para Comer*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 129 p., 2009.

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. *Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani*. Tese de Doutorado em Antropologia Social - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 277 p., 2002.

MONTEIRO, John Manuel. “Os guaranis e a História do Brasil Meridional; séculos XVI-XVII”. In Manoela Carneiro da Cunha (org.), *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras/ Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, 475-498, 1992.

MONTOYA, P. Antonio Ruiz de. [1639]. *Tesoro de la Lengua Guarani*. Leipzig: B.G. Teubner, 1876.

MONTOYA, P. Antonio Ruiz de. [1639]. *A Conquista Espiritual*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 1985.

MOUZER, Marcus Vinícius de Souza. *Cartilha Agroflorestal Mbya Guarani. Saberes Yva'a*. Trabalho de Conclusão apresentado no Curso em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 91 p., 2011.

NIMUENDAJU, Curt. [1914]. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1987.

NOGUEIRA, José Francisco Sarmento. *Etnodesign: um estudo do grafismo das cestarias dos M'byá Guarani de Paraty- Mirim (RJ)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. 134 p., 2005.

OLIVEIRA, D. *Nhanderukueri Ka'aguy Rupa – As florestas que pertencem aos deuses: Etnobotânica e Territorialidade Guarani na Terra Indígena M'biguaçu/SC*. Monografia de Bacharelado em Ciências Biológicas. Florianópolis: UFSC, 2009.

OLIVEIRA, Nanci Vieira. Diagnóstico e Plano de Trabalho, Propondo a forma de elaboração dos Estudos Etno-Ambientais – Componente Indígena”, em atendimento à Condicionante 2.57 da LP nº 279/2008 de Angra 3. Eletrobrás Termonuclear S.A. – ELETRONUCLEAR, 105 p., 2012.

PEREIRA, Vicente Cretton. *Tekoa ha'e tetã: lugar e modo de ser mbya no Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Ciências Sociais, UERJ, Rio de Janeiro, 124 p., 2010.

PISSOLATO, Elisabeth de Paula. Mobilidade, multilocalidade, organização social e cosmologia: a experiência de grupos Mbya- Guarani no sudeste brasileiro. *Tellus*, ano 4, n. 6, p. 65-78, Campo Grande - MS, 2004.

PISSOLATO, Elisabeth de Paula. *A duração da pessoa. Mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. Tese de doutorado apresentada ao PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. 366 p., 2006.

PRADELLA, Luiz Gustavo Souza. Jeguatá: O Caminhar entre os Guarani. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 99-120, 2009.

SCHADEN, Egon. [1954]. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: E.P.U. / EDUSP, 1974.

SILVEIRA, Nádia Heusi. 2011. *Imagens de Abundância e Escassez: Comida Guarani e Transformações na Contemporaneidade*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, UFSC, 279 p., 2011.

SUSNIK, Branislava J. 1982. *Cultura Material (Guaraníes y Chaqueños)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1982.

TEMPASS, Matin Cesar. *Orerémbiú: A relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a Cosmologia Mbyá-Guarani*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, IFCH/UFRS, 156 p., 2005.

TEMPASS, Matin Cesar. O Belo Discreto: A Estética Alimentar Mbyá- Guarani. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 170-194, 2007.

TEMPASS, Matin Cesar. *“Quanto mais doce, melhor” Um estudo antropológico das práticas alimentares da doce sociedade Mbyá-Guarani*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, IFCH/UFRS, 395 p., 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Nimuendaju e os Guarani.” In Curt Nimuendaju, *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião do apapocúva-Guarani*. São Paulo: Editora Hucitec e EDUSP, 1987.